

Livros didáticos de Ciências são subutilizados, aponta dissertação

Material ainda é usado de forma tradicional em escolas públicas

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

A maioria de um grupo de professores do 6º ao 9º anos de escolas públicas das cidades de Taubaté, Pindamonhangaba, Caçapava e Tremembé, no Estado de São Paulo, ainda utiliza o livro didático de Ciências de forma convencional, ou seja, centralizando o processo de aprendizagem apenas no texto, na imagem e nos exercícios contidos nele, sem fazer uso de atividades complementares ou questionários extras. Foram entrevistados 102 professores, que responderam a um questionário específico para se saber como os profissionais usam um dos principais recursos didáticos em sala de aula.

“A literatura científica tem indicado a qualidade precária da grande maioria dos livros didáticos de Ciências no Brasil, muito embora as avaliações periódicas do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) já alcance mais de 15 anos no país. São milhões de reais gastos anualmente com a produção e doação do material sem que se tenha um retorno adequado”, critica a professora de Ciências Fernanda Malta Guimarães, autora do estudo apresentado na Faculdade de Educação, sob orientação



Foto: Antonio Scarpinetti

Aula em escola pública no interior de São Paulo: autora da dissertação entrevistou 102 professores

do professor Jorge Megid Neto.

A pesquisa apontou que o livro didático de Ciências é o recurso mais usado em sala de aula, além de ser o principal material utilizado na preparação das aulas pelo professor. A minoria dos professores envolvidos na pesquisa utiliza laboratórios, vídeos, filmes e jornais para dinamizar o conteúdo a ser passado na aula. Mesmo o Guia do Livro, material que acompanha o livro didático com o objetivo de nortear o professor sobre o conteúdo a ser ministrado, é pouquíssimo utilizado pelo docente. “O resultado do diagnóstico confirma o que outros trabalhos já apontavam. No entanto, eu acreditava que o quadro pudesse ter mudado devido às várias iniciativas do PNLD para melhoria do material oferecido”, avalia Fernanda. O questionário aplicado foi elaborado especialmente para a pesquisa e validado em um teste-piloto com 10 professores.

Fernanda Guimarães pretende explorar o tema também no doutorado. Segundo ela, ainda existem algumas questões que não puderam ser respondidas no mestrado. A pesquisadora quer saber, por exemplo, se o perfil apontado na pesquisa diz respeito a determinado grupo de professores ou reflete um comportamento geral no país. Também tem interesse em entender se há relação entre a subutilização de recursos didáticos com a formação inicial do professor. “São perguntas que precisam ser respondidas para melhor compreender e, consequentemente, propor ações que melhorem a qualidade e a utilização desses materiais em sala de aula”, conclui.

■ **Publicação**

Dissertação: “Como os professores de 6º ao 9º anos usam o livro didático de Ciências”
Autor: Fernanda Malta Guimarães
Orientador: Jorge Megid Neto
Co-orientador: Hyllio Laganá Fernandes
Unidade: Faculdade de Educação (FE)

A postura inadequada e os problemas osteomusculares

Estudo desenvolvido na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) aponta que 64,3% de um grupo de funcionários de uma empresa de papel e celulose do Estado de São Paulo apresentou sintomas osteomusculares, ou seja, dor nos ombros, pescoço e também na região lombar. “As dores podem ou não evoluir para doenças mais graves, por isso realizar este tipo de levantamento indica as áreas de produção em que é necessário se pensar programas de prevenção e de reabilitação”, explica a enfermeira do trabalho Thais de Freitas Pedrini, autora do estudo que teve a orientação da professora Neusa Maria Costa Alexandre.

A enfermeira, com especialização em ergonomia, colheu depoimentos, através de quatro questionários validados cientificamente, em um grupo de 140 profissionais da área de acabamento na empresa. Os voluntários faziam parte de um setor, cujo índice de afastamentos era significativo e a atividade realizada envolvia posturas inadequadas, abaixar-se frequentemente, carregamento de peso e trabalho estático.

No grupo sintomático, a intensidade da dor ficou entre leve a moderada. No entanto, observou-se que houve correlação significativa entre intensidade de dor e incapacidade, quer dizer, quanto maior a dor



Foto: Divulgação

A enfermeira Thais de Freitas Pedrini: “As dores podem evoluir para doenças mais graves”

menor capacidade de desenvolver as atividades. “Todas as questões levantadas indicam para o próximo passo que seria a elaboração de propostas que melhorem as condições

de trabalho e contemple a reabilitação desses trabalhadores”, destaca.

Thais Pedrini enfatiza que, atualmente, a questão da saúde ocupacional tem se constituído um desafio

para as indústrias brasileiras, pois um trabalhador debilitado requer tratamentos, muitas vezes demorados. Neste sentido, ela defende uma ação pró-ativa nas empresas para reduzir ou, até mesmo, eliminar os impactos negativos e os custos com assistência médica. Segundo a autora do estudo, um programa de ergonomia seria a forma mais adequada de se solucionar muitos dos problemas e a realização de um mapeamento junto aos trabalhadores consiste em um primeiro passo.

Um programa de ergonomia requer análises detalhadas e pode envolver medidas administrativas, pausa no trabalho e, até mesmo, troca de maquinário, ou seja, custos elevados para o empresário. “Mesmo os programas de ginástica laboral adotados por muitas empresas não devem ser considerados como suficientes. Este tipo de iniciativa é importante e consegue reduzir riscos, mas não basta. É necessário que se analise de forma global e se chegue à solução do problema para favorecer a saúde do trabalhador”, defende. (R.C.S.)

■ **Publicação**

Dissertação: “Sintomas osteomusculares e a percepção dos trabalhadores sobre fatores do trabalho em uma indústria de papel e celulose”
Autor: Thais de Freitas Pedrini
Orientadora: Neusa Maria Costa Alexandre
Unidade: Faculdade de Ciências Médicas (FCM)

O inglês como esperança de ascensão profissional

A maioria dos jovens carentes frequentadores de um curso de inglês oferecido por uma ONG internacional na cidade de São Paulo busca o conhecimento de outra língua como meio de mudar a condição financeira. Na opinião desses jovens, o inglês é essencial para o mercado de trabalho. “Eles não pensam em conhecer outros países ou buscar o conhecimento de outras culturas. A busca é, exclusivamente, para conseguirem melhor colocação no mercado. Não acredito que isto seja um aspecto negativo, no entanto, nos faz refletir sobre a supervalorização da língua inglesa e de sua geopolítica em nosso meio”, relata o educador Pedro Lázaro dos Santos, autor de pesquisa de mestrado apresentada no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), orientada pela professora Maria Viviane do Amaral Veras.

Segundo Pedro dos Santos, a escola, o mercado globalizado e, até mesmo, o discurso preconizado pela ONG afetam de forma marcante o pensamento dos jovens em relação à língua inglesa. “Os jovens em contato com os elementos do mundo pós-moderno têm seus reflexos em suas identidades linguísticas. Neste sentido, o meu trabalho expõe a projeção do inglês como mais uma commodity necessária ao mercado de trabalho”, defende o autor do estudo. Por outro lado, explica ele, os jovens acreditam que deveria existir uma valorização da língua e da cultura nacionais. O educador ouviu críticas, por exemplo, em relação à quantidade enorme de cartazes e placas com palavras em inglês espalhadas pela cidade. Questionavam o fato de muitas empresas exigirem o domínio da língua inglesa e o porquê de se sabê-la para recepcionar os turistas, ao invés de os turistas virem ao Brasil sabendo o português. “Eram muitas as indagações que denotavam uma resistência à imposição da língua inglesa”, explica Santos.

O ponto de partida para o estudo foi o contato de Santos com os alunos ao iniciar, em 2008, trabalho voluntário na ONG, cujo foco é oferecer cursos de formação profissional para jovens em condições menos favorecidas. Ele percebia em vários relatos informais que a procura pelo curso era algo extremamente valorizado. Daí surgiu o interesse em acompanhar um grupo desde o processo de seleção até a conclusão de dois semestres para entender o porquê do interesse e quais as expectativas desse jovem em relação ao curso.

No início do processo de seleção, a ONG avalia, além da condição socioeconômica, as aspirações do candidato a partir de um questionário. Também solicita que a pessoa faça uma dissertação sobre a sua vida cinco anos após o ingresso no curso de inglês. Todo esse material serviu para a análise. Na sequência, ele participou das aulas como observador e, ao final do período, entrevistou o grupo de jovens. (R.C.S.)

■ **Publicação**

Dissertação: “As representações da língua inglesa no discurso de jovens carentes: um estudo crítico”
Autor: Pedro Lázaro dos Santos
Orientadora: Maria Viviane do Amaral Veras
Unidade: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)